



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ALMOÇO OFERECIDO PELOS
EMBAIXADORES DO GRUPO
LATINO-AMERICANO E DO CARIBE

Clube Naval
Brasília, DF
2 de agosto

É urgente que a América Latina e o Caribe seguindo a tendência mundial, passem a se beneficiar das vantagens das economias de conjunto.

31 de julho — O Embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Moraes mandou uma carta ao «Washington Post», criticando duramente um editorial sobre a dívida externa brasileira e afirmando que, de 1983 até 30 de junho último, o Brasil pagou US\$ 66 bilhões de juros e só conseguiu, de empréstimo, US\$ 15 bilhões.

31 de julho — O Ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, pede demissão, alegando discordar da política econômica do Governo.

1.º de agosto — Saulo Ramos, Consultor-Geral da República, é nomeado Ministro da Justiça.

Senhores Embaixadores,

Devo dizer que estou muito sensibilizado com esta homenagem e com as generosas palavras que acaba de me dirigir o Embaixador Oliver Jack, em nome de todos os Embaixadores do Grupo da América Latina e do Caribe.

É com grande satisfação que vejo em torno desta mesa tantos representantes de países amigos, com os quais, ao longo destes anos, pudemos realizar um trabalho sem precedentes de entendimento e cooperação. Um trabalho que, acredito, contribuiu para dar feição inovadora ao relacionamento regional.

Logo ao assumir o Governo, tracei aquela que seria a meta prioritária da política externa de minha administração: reforçar, ampliar e diversificar os laços que vinculam o Brasil à América Latina e ao Caribe. Assim fiz, convencido de que o futuro do Brasil está indissolivelmente ligado ao de todos e cada um dos países que integram nossa sofrida região. Trata-se aqui não de esperanças vazias — mas de uma realidade; de algo muito profundo, que está a exigir de nossos países decisões corajosas.

Não podemos ficar de costas uns para os outros, à espera de que venha de fora a ajuda que nos salvará. Assim ficamos durante muito tempo, e não chegamos a lugar algum. Continuamos — é preciso reconhecer — na periferia de um mundo que não parece disposto a abrir-nos oportunidades verdadeiras de crescimento e cooperação. Era preciso mudar este estado de coisas, e acredito que começamos a fazê-lo. Sem demagogia. Sem antagonismos. Sem confrontação. Mas com firmeza e continuidade de propósitos.

Depois de meu Governo, ninguém poderá dizer que o Brasil está de costas para a América Latina. Pusemo-nos de frente. De mãos dadas. Passamos da palavra à ação. Criamos oportunidades onde só parecia haver conformismo. Começamos a nos entender melhor. A discutir francamente os nossos problemas. A encontrar soluções mediante o diálogo e a negociação. Abrimos os nossos espíritos. Pusemos de lado os preconceitos, as desconfianças artificiais e as falsas imagens.

Visitei pessoalmente muitos países da região. No entendimento com meus colegas Presidentes, encontramos caminhos férteis antes inexplorados. Nossos Governos — nos seus mais distintos setores — tornaram-se mais comunicativos. Criaram-se novos hábitos de contato, e acredito que estamos aprendendo muito uns com os outros.

A América Latina atravessa hoje uma das maiores crises de sua História. Não há como minimizar esse fato. Num cenário internacional que apresenta graus elevadíssimos de mutação, em que as conquistas tecnológicas definem as relações de poder e delineiam uma nova divisão do trabalho, em que cresce a prosperidade nos países industrializados, nosso continente vê-se ainda a braços com imenso passivo de problemas ainda não resolvidos. Sua dívida externa alcançou a faixa dos 420 bilhões de dólares, ao passo que as taxas do PIB caminham em sentido decrescente. Os problemas sociais se avolumam, colocando sérios riscos para a estabilidade de nossos países. Forçados a transferir vultosos recursos para o exterior, nossos Governos estão simplesmente sem recursos para atender às crescentes e justas demandas de nossas sociedades.

Paira sobre a região a ameaça de se ver marginalizada do processo de modernização por que passam atualmente as economias mais avançadas.

Seria irrealista pensar que poderemos encontrar soluções exclusivamente indógenas para os complexos problemas da região. Somos afetados por todo um conjunto de situações de natureza global e por decisões de que, infelizmente, não participamos. São realidades com as quais temos de lidar. Não há como vislumbrar futuro para a América Latina sem que se encontrem soluções efetivas para problemas como o da dívida externa; sem que se obtenha atrair maiores investimentos do exterior; sem que se processem mudanças estruturais no panorama econômico mundial.

Por outro lado, torna-se indispensável pensar na América Latina e no Caribe como um espaço econômico integrado de grande dimensão, com elevado potencial e amplas perspectivas de complementaridade. É urgente que a nossa região, em consonância com as grandes tendências mundiais, passe a se beneficiar das vantagens das economias de conjunto. Só assim nos tornaremos verdadeiramente competitivos e modernos, capazes de participar plenamente dos fluxos internacionais de comércio e investimento.

Sou dos que acreditam na opção latino-americana e caribenha. Sempre julguei que qualquer visão prospectiva

do Brasil não poderia estar dissociada do futuro da região como um todo. Trabalhei firmemente para abrir a economia brasileira ao comércio com os demais parceiros regionais. Vejo a integração regional como um processo em que se busca o equilíbrio de vantagens e o desenvolvimento harmonioso de todos. Seria irrealista imaginar que na era dos grandes mercados, em um tempo em que mesmo as economias mais prósperas buscam esquemas de associação com países territorialmente próximos, pudéssemos manter-nos fechados ou perpetuar relações de troca desiguais com nossos vizinhos.

Esse reconhecimento é hoje compartilhado pela sociedade brasileira, como prova o preceito constitucional que nos compromete inequivocamente com a integração latino-americana. A questão é definir como utilizar da forma mais eficiente os mecanismos já disponíveis; como construir o arcabouço necessário para levar adiante um processo moderno e efetivo de integração; como motivar realística e paulatinamente os agentes econômicos. Estou seguro de que já avançamos muito no equacionamento dessas questões e de que continuaremos a fazê-lo, graças à crescente identidade de propósitos entre nossos países.

A integração, mais que tudo, constitui um projeto político, e é precisamente no campo político que temos acumulado, nos últimos tempos, um ativo de valor extraordinário. Nunca na região foram tão intensos os contatos nos mais distintos níveis. Nunca os Chefes de Estado se reuniram com tanta frequência e debateram com tanta abertura os problemas regionais e a situação internacional. Prova disto é a multiplicação de foros regionais em que temos concertado posições e explorado possibilidades de trabalho conjunto.

Muito do que está ocorrendo agora, todos sabemos, deriva do fato de estar a região como um todo comprometida no esforço de fortalecimento das instituições democráticas. A reforma do Estado, o aprimoramento dos canais de diálogo entre os distintos setores da sociedade são hoje temas comuns em nossas agendas internas. Temos o ideal compartilhado de ampliar o grau de autonomia política da região e sua capacidade de ação na cena internacional.

A democracia nos fortalece internamente e amplia nossa projeção externa. É essencial que este quadro se consolide e tenha continuidade no tempo.

Dentro de pouco mais de sete meses deixarei o Governo. Mas continuarei a lutar e trabalhar para que os ideais latino-americanos permaneçam como a prioridade número 1 no universo diplomático do Brasil. Minha voz não deixará de se fazer ouvir para que o rumo hoje traçado não sofra desvios. Estarei pronto a prestar o concurso de minha experiência dos problemas da região, com o mesmo entusiasmo com que nestes anos de Governo me dediquei à causa da verdadeira integração do Brasil na América Latina.

Levarei comigo o alento da amizade e da cooperação recebida de Vossas Excelências.

Peço-lhes, pois, que recebam estas palavras como a expressão do meu reconhecimento e que juntos brindemos por um futuro de integração, de paz, prosperidade e justiça para todos os nossos países.